

JOYCE PASCOWITCH



Em recreio das apresentações de "Orlando", Dani Roland encarna um veneziano automático nos salões da cidade

Tabule

Apesar de estar em campanha para senador pelo PDS de Roraima, Jorge Yunes não quer saber de gastar muita sola por lá.

Grava todos seus tapes em São Paulo.

E ainda faz questão de dar uma mão na campanha do eterno amigo Paulo Maluf.

Pepe Legal

Agora se sabe de onde o projeto de xerife Robson Tuma tirou o molde das estrelinhas de plástico que distribui do palanque.

Veio direto da coleção de distintivos de seis pontas de seu irmão, o delegado Romeu Tuma Jr.

Truta

A maré contrária não intimida a performance de Daniel Filho.

Alvo de nove entre dez críticas por seu desempenho em "Rainha da Sucata", ele jura que prefere deixar a Central Globo de Produções do que desistir do posto de ator e diretor.

Código morse

Em suas conversas reservadas com empresários amigos, Zélia Cardoso de Mello bate sempre na mesma tecla.

Ela quer que eles tentem convencer seus colegas de métier que o governo não blefa quando diz que vai fazer das tripas coração para acabar com a inflação.

Chocalho

Estava tudo acertado.

De malas prontas, Alaíde Quercia tinha entrada marcada ontem na Pró-Matre para dar à luz ao pequeno Octávio.

Fardão

A eleição para o substituto do senador Affonso Arinos na Academia Brasileira de Letras está praticamente resolvida.

Tudo indica que Raymundo Faoro deve ocupar sua vaga.

Repolho

O escritório paulistano da Globo está assim de gente nervosa.

Trabalha-se a todo vapor na produção da novela "Perigosas Peruas", a próxima atração das 7 —cuja externa serão totalmente rodadas em São Paulo.

Até agora, a vedete das locações é o mercado de Pinheiros.

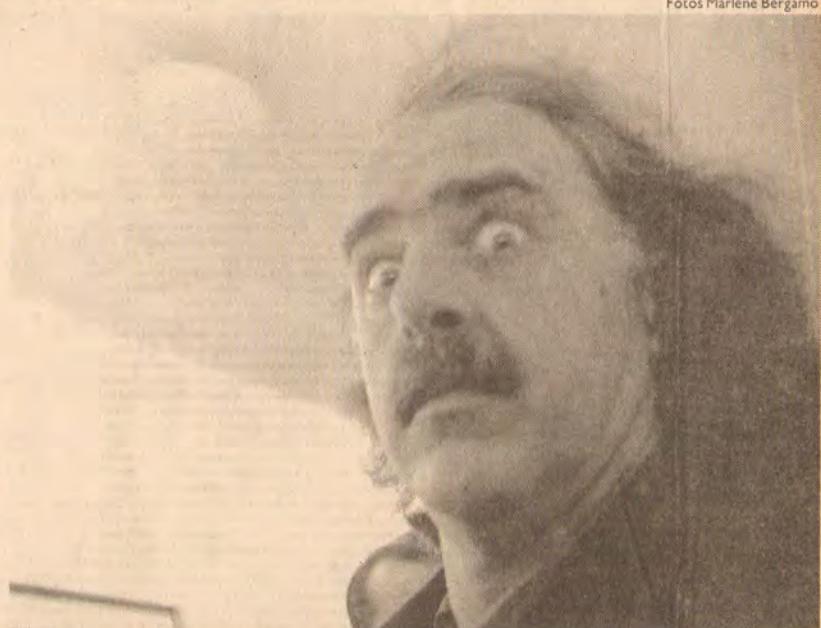
Direito de nascer

Haja Wellamed. A mais nova starlet na mira de Walter Avancini é Doris Giesse.

Ela foi convidada para fazer novelas no SBT e ficou de estudar a proposta.



Em fase avestruz, Walter Appel aplica uma cabra cega nos saraus políticos que esquentam a temporada pré-urnas



Jamie-Stewart Granger ataca de embaixador da Transilvânia pelas mil e uma noites de molduras e cavaletes da cidade

Aladim

Mesmo sem poder comparecer dia 23 como convidado de honra da Convenção Nacional das Empresas de Supermercados, Fernando Collor arrumou um jeito de baixar no terreiro.

Grava uma mensagem especial para ser exibida em telão no Riocentro.

Zé Carioca

Rum Montilla perde.

Além de imprimir só em tons esverdeados os santinhos e os cartazes de sua campanha a deputado estadual pelo PL do Rio, o peralta Fernando Bicu-do surge nas fotos com um parceiro-pirata: Um papagaio.

ENTRELINHAS

Rodeados de modernos, Célia e Pedro Useche estréiam dia 20 com cocktail seu escritório de arquitetura e design no Morumbi.

Daniela Perucchi troca Madri por uma temporada tropical.

Raquel Arnaud abre dia 25 o Gabinete de Arte para a mostra —mais lançamento do livro— dos trabalhos de Sergio Camargo.

Será dia 26 na igreja São José o casório de Carla Nogueira Greeb com Fernando Sessler.

Lucinha e João Araújo são os frequentadores mais assíduos do bar Aquariu's, novo point do Rio.

Cindy Crawford comandou ontem um jantar de modettes no The Place.

VENEZA

11 09 90

'S'en Fout la Mort' ergue-se a partir do nada

BERNARDO CARVALHO
De Paris

Num mundo onde tudo é feito "à maneira de", "à moda de", um filme como "S'en Fout la Mort" ("Dane-se a Morte"), de Claire Denis, só pode dar mesmo a impressão de um corpo estranho. Não há citações —com exceção de uma frase do escritor americano Chester Himes, que abre o filme em epígrafe, e da recorrência de "Buffalo Soldier", de Bob Marley, que faz as vezes de trilha sonora. Não se ouve o roteiro (escrito em três semanas, por Jean-Pol Fargeau, é como se não existisse), cuja estrutura dramática escapa por todos os lados. Tudo é erguido a partir do nada. Como se não houvesse nada por trás, só o "bas-fonds" do subúrbio parisiense. Como se o filme fosse um documentário.

Não há maneiras no filme, nem artifícios. Dois amigos (um africano e o outro antilhano) treinam galos de briga nos bastidores de uma boate de Rungis (periferia sul de Paris), sob os auspícios de um proprietário dos mais escusos. A briga de galos é permitida apenas em poucas regiões do norte da França e terminantemente proibida em Paris. Nas Antilhas é uma manifestação essencial. Boa parte de "S'en Fout la Mort" —aliás, nome de um dos galos, o preferido— mostra os dois amigos treinando esses animais no limite da imbecilidade, extremamente dóceis e submissos nas mãos dos homens, mas que não hesitam um segundo quando se trata de investir com bicadas e

patadas contra um outro exemplar de sua própria espécie. Os homens dançam com os galos, acariciam os galos, numa relação narcisista, como se fossem seus próprios corpos. Preparam eles para o combate, que será, sem exceções, mortal.

Todo o filme de Claire Denis (ex-assistente de Wim Wenders e de Jim Jarmusch, que já tinha realizado "Chocolat") joga com essa que poderia ser uma metáfora muito fácil de homens-galos, mas que na falta de explicações, na impressão de vazio, acaba recuperando uma força vital, de um tempo onde o cinema ainda tinha pretensões de tratar da vida. Um tempo em que o cinema ainda não tinha se resignado a refletir e reproduzir ao infinito o espaço fechado da cultura.

"S'en Fout la Mort" está longe de ser um grande filme, mas é essa tentativa de furar o círculo vicioso da produção cultural, das referências culturais, para alcançar o que se chama de "vida". É como se o filme de Claire Denis tivesse partido de duas perguntas básicas: "Por que os homens dançam?" e "Por que os homens brigam?" Daí a impressão de vazio e a insuficiência dos diálogos. Porque não há nada que possa explicar porque os homens dançam ou brigam. Porque são perguntas sem respostas.

S'EN FOUT LA MORT (Dane-se a Morte). França, 1990. Direção: Claire Denis. Com Isach de Bankolé, Alex Descas, Solveig Dommartin e Jean-Claude Brialy. Editora de Arte



A francesa Claire Denis, diretora de "S'en Fout la Mort", que concorre ao Leão de Ouro, em Veneza

Alemão revisita 'Nouvelle Vague'

Do enviado especial a Veneza

"Spieler", do alemão Dominik Graf, é uma espécie de "thriller" pos-moderninho, com inspiração no universo da "Nouvelle Vague". Um filme barato, ligeiro, para ser consumido com olhos de universitários que pensam em abandonar a escola. Não pode ser comparado em densidade e resultado a "Rosencrantz and Guildenstern are Dead", de Tom Stoppard. Mas Graf tem uma afinidade com Stoppard: a atenção com a sintaxe e a vontade de trabalhar a linguagem.

É uma história de "outsiders": dois rapazes vivem em um apartamento em pedaços, em Munique, e ganham a vida com bicos. Um deles é viciado em jogo. Com a morte de uma tia, o jogador reve sua prima e se apaixona. Os três se metem em enrascadas e enveredam num banditismo ingênuo e perigoso.

"Spieler" tem um narrador em "off", que não é nenhum dos personagens. Apesar do amadorismo e improvisação no trabalho dos atores, Graf compensa as deficiências com um modo de filmar não-convencional, que lembra, um pouco como Godard, que o que se assiste é uma ficção construída com uma linguagem específica. Como seria inevitável, o diretor cria cenas de "road movie", de "thriller" e adora filmar contra muros coloridos.

Stoppard estréia com filme shakespeariano

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES
Enviado especial a Veneza

Depois de sete dias de maratona cinematográfica, as coisas começam a melhorar na 47ª Mostra Internacional de Arte Cinematográfica de Veneza. O choque com a mediocridade inicial vai se esvanecendo nas imagens de filmes consistentes. Ontem, sem grandes surpresas, manteve-se a composição: "Spieler", do alemão Dominik Graf [leia texto nesta página], e "Rosencrantz and Guildenstern are Dead", de Tom Stoppard, são filmes atravessados pela ironia e pela tentativa de estabelecer um diálogo com a linguagem e os limites entre realidade e representação.

Em "Rosencrantz and Guil-

denstern are Dead", a viagem através dessa fronteira é mais pretensiosa. O filme é a adaptação de uma obra para teatro, escrita pelo próprio dramaturgo inglês, que debuta na direção cinematográfica. Rosencrantz e Guildenstern são personagens idealizados para "Hamlet", e depois abandonados por Shakespeare.

Stoppard, 53, durante um trabalho como bolsista da Fundação Ford, em Berlim, em meados da década de 60, desencavou a dupla e criou a primeira versão da trama que se desenvolve no interior de "Hamlet". A dupla, amiga do príncipe, é chamada à corte da Dinamarca pelo tio-rei e pela rainha-mãe. Hamlet comporta-se de modo estranho e talvez a presença dos dois possa ajudá-lo.

No caminho para o reino eles encontram uma insólita companhia de teatro, comandada por um quase mágico ator (Richard Dreyfuss), que tão logo se vê diante de um "público", começa a representar. O grupo Mambembé também segue para a corte. Quando chegam no castelo de Elsinore, coisas esquisitas começam a acontecer.

Através de um jogo complexo de citações do original de "Hamlet", do deslocamento das funções dos personagens, e de um retorno permanente ao problema das fronteiras entre realidade e representação, Stoppard cria um filme curioso, apesar dos inevitáveis —e propositais— caçoetes de encenação teatral. O tom é farsesco e a narrativa beira sempre o

insólito, embora em alguns momentos seja conduzida por imagens muito estilizadas. Não é um filme que flui, exige atenção. As vezes parece confuso e entediante, problemas superados pela idéia básica inteligente.

Em relação aos personagens centrais, Stoppard reconstrói a dupla com um humor sofisticado, que frequentemente gira em torno de fenômenos da mecânica ou leis da ciência. Na cena inicial os dois deparam-se com um estranho fato: uma moeda que encontram é jogada para o alto mais de 150 vezes e sempre cai voltada para a mesma face. Uma curiosidade: o papel vivido por Dreyfuss seria de Sean Connery. O filme seria rodado em 89, mas Connery teve problemas de garganta e a produção (norte-americana) foi adiada.

OS FILMES DE HOJE EM VENEZA

MOSTRA OFICIAL

"S'en Fout la Mort", de Claire Denis (França, 1990). Com Isach de Bankolé, Alex Descas e Jean-Claude Brialy. A diretora, que trabalhou com Wim Wenders e Jim Jarmusch, filma a história do encontro de um empresário da noite, casado e com filho, com um jovem das antilhas e um africano.

"Pozegnianie Jesieni", de Mariusz Trelinski (Polônia, 1990). Com Jan Frycz e Maria Pakulnis. Um jovem intelectual se entrega aos prazeres eróticos, no outono que anuncia a revolução comunista.

SEMANA DA CRÍTICA

"Winkelmans Reisen", de Jan Schutte (Alemanha, 1990). Com Wolf-Dietrich Sprenger e Susanne Lohar. Segundo o diretor, "Uma tragicomédia com algumas referências à Alemanha Ocidental".

FORA DE CONCURSO

"Dancin' Thru the Dark", de Mike Ockrent (Inglaterra, 1990). Com Con O'Neill e Peter Beckett. Na despedida de solteiro, o noivo e a noiva acabam a noite no mesmo bar, onde toca um cantor de rock, ex-namorado da moça.